



ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA

THEORETICAL APPROACHES TO THE STUDY OF LITERARY CRITICISM: A CRITICAL REVIEW

Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira¹, Clarice Zamonaro Cortez²

e3122177

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i12.2177>

PUBLICADO: 12/2022

RESUMO

A presente Resenha Crítica propõe analisar noções norteadoras de sentido acerca da Crítica Literária através das concepções presentes em *Teoria da Literatura: Uma introdução* por Eagleton (2006); *Crítica e Verdade* de Roland Barthes (2007); *ABC da Crítica* de Nuno Júdice (2012) e *Altas Literaturas* de Moisés (1998), buscando compreender os principais desdobramentos que culminaram na Crítica Literária atual e suas possíveis implicações futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Literária. Resenha Crítica. Teoria da Literatura.

ABSTRACT

The present Critical Review proposes to analyze guiding notions of meaning about Criticism and Truth by Roland Barthes (2007), followed by the concepts presents in Literary Criticism An Introduction by Eagleton (2006), Theory of Literature: ABC da Crítica by Nuno Júdice (2012) and Altas Literaturas of Moisés (1998), seeking to understand the main developments that culminated in the current Literary Criticism and its possible future implications.

KEYWORDS: *Literary Criticism. Critical Review. Theory of Literature.*

INTRODUÇÃO

Estudos sobre Literatura são um pressuposto geral de investigação sobre a condição humana. Cabe à Literatura armazenar os conjuntos de processos que delineiam períodos de nossa evolução, estabelecendo a partir de suas concepções um traço histórico expresso. Trata-se, portanto, dever da Crítica Literária nortear sua compreensão e conseqüentemente, expandir horizontes possíveis de interpretação e estudo, processo esse, constituído por diversas perspectivas teóricas, moldado conforme o passar de gerações.

A partir da noção da amalgama de possibilidades de pesquisas realizadas no tema, faz-se necessário reunir os pontos primordiais acerca do desenvolvimento da concepção de estudos críticos na literatura para sua melhor compreensão e debate. A presente proposta busca, em primeiro lugar, levantar apontamentos de Eagleton (2006) sobre a forma como se fundamenta a literatura, conjuntamente com a teoria de fruição e prazer de Barthes (2007) e sua compreensão do texto para além da palavra escrita; a perspectiva de fundamentação e importância da prática crítica por Júdice (2012) e noções e perspectivas futuras através do recorte de Moisés (1998), visando um esclarecimento no que concerne os principais pontos norteadores da Crítica Literária atual.

¹ Universidade Estadual de Maringá - UEM

² Universidade Estadual de Maringá - UEM



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

CRENCIAIS DOS AUTORES

Roland Barthes foi crítico literário, professor, escritor e semiólogo. Quando convidado a inaugurar a cadeira de semiologia literária do *Collège de France*, após a indicação feita pelo colega íntimo e filósofo Michel Foucault em 14 de março de 1976, pronunciou sua aula magna, designada *Leçon*, posteriormente transcrita e publicada, tornando-se um dos marcos da semiologia (CALVET, 1990, p. 256). Barthes esteve presente durante a formulação do período literário pós-estruturalista na França, elaborando pesquisas e moldando pensamentos que abrangiam diversos campos de estudo, questionando, seja por sua prontidão à aventura intelectual e literária ou ainda por sua essência íntima e irônica diante de todo discurso de autoridade, basicamente todo o campo possível das certezas existentes até então. Uma das figuras centrais do pensamento francês no século XX, foi também um ser à margem ao qual ajudou a tornar o período compreensível. Dividindo opiniões da crítica, é considerado um dos nomes referência aos estudos em crítica no ensino e literatura moderna.

Terry Eagleton é autor, filósofo, professor e um dos nomes referência quando o assunto é crítica literária. Atualmente leciona literatura enquanto professor emérito da Universidade de Lancaster e na Universidade de Notre Dame, em Indiana. O autor britânico é um dos criadores dos *Cultural Studies* - escola que emergiu na Inglaterra, nos anos de 1950, tendo como referência a transposição estética e ética associadas à crítica literária com a prática das culturas. Autor de mais de quarenta livros de teoria literária, pós-modernismo, política, ideologia e religião é para a crítica um dos pesquisadores fundamentais do século XX.

Nuno Manuel Gonçalves Júdice, formado em Filologia Romântica pela Universidade Clássica de Lisboa, doutorado em Literatura Medieval pela Universidade Nova de Lisboa é ensaísta português, ficcionista e professor emérito de literatura na Universidade Nova de Lisboa, na qual fundou a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Enquanto escritor, já recebeu durante sua carreira inúmeros prêmios e segue contribuindo assiduamente com o panorama de pesquisa e desenvolvimento acerca das questões referentes aos estudos de literatura e historicidade.

Leyla Beatriz Perrone Moisés, professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), é brasileira e paulista, possui graduação em Letras Neolatinas, doutorado em Língua e Literatura Francesa e Livre-Docência na Universidade de São Paulo. No Exterior, deu aulas em renomadas universidades pelo mundo como a Universidade de Montreal, *Yale University* (na qual iniciou as pesquisas referentes ao livro *Altas Literaturas*), *Sorbonne* e *École Pratique des Hautes Études*. Especialista em crítica no ensino e literatura moderna, Moisés é referência quando posto em jogo o papel da arte literária na cultura contemporânea.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

2 RESUMO DAS OBRAS

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*: subtítulo. São Paulo: Perspectiva, 2007

Critique et vérité e Essais Critique, livro apresentado pelo escritor, filósofo e crítico literário Roland Barthes; publicado inicialmente na França em 1999; em sua versão brasileira traduzido por Leyla Beatriz Perrone-Moisés, publicado pela editora Perspectiva em 2007, contém 241 páginas dispostas em 19 ensaios nos quais o autor aponta e questiona perspectivas quanto a literatura, desde suas concepções históricas até reformulações de pensamentos do próprio escrever. Destaque enquanto obra reflexiva e controversa aos estudos apresentados no período nos espaços de discussão acadêmico-literária franceses; é considerado por Moisés (2007, p. 11) enquanto título com “trabalhos imprescindíveis para quem se preocupa com os problemas da literatura e se propõe encará-los com um enfoque realmente atual”.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

Teoria da Literatura: Uma introdução, publicado inicialmente em 1983, traduzido pela editora Martins Fontes em 2006 em sua 7ª edição, contém 400 páginas dispostas em 6 capítulos em sua versão brasileira. Um dos principais livros do pesquisador britânico Terry Eagleton, possui as principais correntes teóricas que constituem a existência da Literatura, compreendendo desde suas concepções até contextualizações que permitem ao leitor visualizar o desenvolver histórico da literatura como um todo a partir de como o entrelaçamento de cada teoria dá origem às próximas.

JÚDICE, Nuno. *ABC da Crítica. Alfragide: Dom Quixote, 2010*

ABC da Crítica, livro do escritor Nuno Júdice; livro publicado inicialmente em Portugal em 2010, no Brasil, distribuído pela editora Dom Quixote, contendo 54 páginas dispostas em 5 capítulos é o apanhado conciso de noções do escritor acerca da construção da crítica literária, questões de gosto, serventia e reflexões de como a crítica em suma, deveria orientar a compreensão do texto literário. Delimitando os espaços do leitor, do crítico e do autor, Júdice, a partir do recorte histórico que propõe, mapeia a teoria crítica e posiciona a análise ao que delimita enquanto a necessidade de posicionamento crítico apurado.

MOISÉS, Leyla Perrone-. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

Altas Literaturas, da escritora e crítica literária brasileira Leyla Beatriz Perrone-Moisés, consiste em análises acerca das ferramentas estéticas que permeiam e moldam noções do valor literário no Ocidente; livro publicado inicialmente em São Paulo em 1998, pela editora Companhia das Letras, contendo 238 páginas dispostas em 5 capítulos. Considerado por Marta Morais da Costa (1998, p.228) como “uma das mais fundamentais leituras a quem pretende se integrar no debate a respeito do momento presente da teoria da literatura”; serve como leitura aprofundada sob os aspectos constitutivos das análises de obras que são tanto teóricas quanto críticas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

A CRÍTICA LITERÁRIA: DO NASCIMENTO ÀS INTANGIBILIDADES

A questão pontuada por Eagleton: Afinal, o que é literatura? (EAGLETON, 2006, p. 2) pode ser compreendida enquanto um dilema crítico antigo. A resposta aparentemente não é simples. A literatura e sua definição são constituídas de volatilidade, variação essa que depende de sua época, contextos de produção e compreensão. A crítica, por sua vez, se relaciona com o texto de modo a categorizá-lo, compreendê-lo, dissecá-lo com as mais variadas ferramentas teóricas, tornando-se uma leitura aprofundada do texto que busca ir além da compreensão acrítica de uma leitura primária e estabelece o local do crítico o diferindo de um leitor comum (JÚDICE, 2012, n. p.).

Dentre os textos que Eagleton (2006, p. 13) menciona serem possíveis relacionar dentro da crítica existem os que “nascem literários, outros que atingem a condição de literários, e a outros que tal condição é imposta” e estão diretamente ligadas a essas concepções o período histórico e ferramentas de análise do crítico que se debruça. A noção de cronologia crítica estabelece-se então, enquanto um jogo de sentido complexo, que une definições na medida em que as contrasta, desde a antiguidade clássica – séc. IV a.C – até o Pós-Modernismo em 1960, considerado o atual período ao qual a crítica literária se encontra.

A noção crítica pós-moderna pode ser compreendida enquanto um resultado advindo principalmente da reformulação de crítica obtida a partir do distanciamento dos períodos do Romantismo e Modernidade, o primeiro que visava às emoções torna-se para a Modernidade objeto de estudo. Os estudos da hermenêutica, fenomenologia, crítica psicológica e crítica psicanalítica, concebidos na Modernidade estabelecem-se, segundo Eagleton (2006, p. 17), junto à crítica mitológica, e esta, inspirada nos estudos clássicos a partir das noções de Jung, tem Joseph Campbell como um dos seus principais nomes, cujos estudos levaram a crítica literária para vieses de significação dos símbolos e arquétipos, atentando especialmente para noções de interpretação e sensibilidade; sucedendo a Crítica Psicológica, é a base que incentivou os estudos de contraposição que consolidariam mais tarde, em 1930, a Nova Crítica.

A Nova Crítica, que entendia os estudos de subjetividade e interpretação, até então bem disseminados como falhos quanto à estrutura do texto, inicia uma tentativa, principalmente norte-americana, de tornar os estudos acerca da crítica literária menos focados em interpretação e subjetividade, voltando-se ao *close reading*, a leitura, ora focando em uma só palavra, ora focando em enunciados, tendo William Empson, T. S. Eliot, W. K. Wimsatt e Monroe C. Beardsley, como principais nomes do período. Pondo em risco a estabilidade vanguardista com seu “vazio”, estabelece-se vendo a literatura enquanto um alvo, com a missão de realizar “uma tarefa de higiene pública”, evidenciando os códigos estreitos nos quais as instituições se sustentavam, com seus “juízes” de julgamento de valor, em um modelo aristotélico de verossímil, ao qual não é possível contradizer o “sábio”, por sua vez constituindo o que é tradição (BARTHES, 2007, p. 187-189).

Repensando noções tradicionais cujas obras das quais era preciso se falar, a Nova Crítica coloca-as em análise de permanência, questionando o “verdadeiro” e parece, a partir disso, incomodar o movimento vanguardista por fazê-los perderem autoridade. Haroldo de Campos indica o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

abandono utópico dos movimentos vanguardistas que substituem o *princípio-esperança* pelo *princípio-realidade* (CAMPOS *apud* MOISÉS, 1998. p. 212), o que diretamente envolveria questões de futuro da tradição.

Mas a *Nova Crítica* deixava escapar, enquanto focava sua atenção na condição de se estabelecer enquanto uma disciplina acadêmica rígida, alguns aspectos estruturais importantes do texto. Eagleton (2006, p. 34) esclarece que a busca por uma tecnocracia crítica avançava de modo que mesmo as noções da *Nova Crítica*, encontravam-se indispostas ao todo. Northope Frye, segundo o pesquisador, propõe nesse cenário o estopim da mudança quando publica *Anatomy of criticism* (1957), no qual estabelece uma totalização dos gêneros literários, noção que será utilizada enquanto ordenação da crítica literária estruturalista. Frye propunha que a literatura se mantivesse distante da história e do sujeito individualizado, priorizando a forma como era desenvolvida sua noção de estrutura, e elencando os textos a partir do que considerava enquanto estrutura básica um processo analítico. O estruturalismo surge para analisar a literatura que durante o período, torna-se um paliativo essencial a visível falência da ideologia religiosa cristã na Europa, enfraquecida pelo avanço científico.

A partir do que Ferdinand de Saussure postula em 1960, enquanto um estudo adequado de literatura (olhar sincrônico), a noção histórica do estruturalismo segue se desenvolvendo até o desenrolar do estruturalismo moderno a partir de Levi-Strauss e Jakobson, este último torna-se um dos maiores responsáveis pela ligação entre o formalismo russo e a teoria desenvolvida no estruturalismo, que gerará, 20 anos mais tarde, a concepção moderna do pensamento estruturalista. A arte no período, conforme Mukarovsky possui papel importante, já que a obra de arte “só é vista como tal em contraposição ao pano de fundo mais geral das significações, como um “desvio” sistemático da norma linguística” (MUKAROVSKY, *apud* EAGLETON, 2006, p. 151).

O posicionamento de Mukarovsky é, em parte concomitante, em parte ação prática do que Saussure indica enquanto o estudo do **significado** de signos linguísticos, ao qual a semiótica se debruçará. É durante esse período que C. S. Peirce, utiliza o termo “semiótica” em suas pesquisas iniciais, acerca de viabilidades da linguagem, colaborando com a perspectiva de linguística e noção de crítica. O crítico literário, através de sua visão de julgamento, totalmente incompatível ao senso comum da época, apostava no desenvolver de uma abordagem clínica, que não visasse elementos específicos em determinada obra, buscando evidenciar sempre a máxima do texto. Sua noção de obra aberta, que em suma consistia na inter-relação de pensamentos que moldam outros, viabiliza-se enquanto uma das bases do pensamento pós-estruturalista que, a partir da quebra do binarismo da linguagem, principalmente à luz da metafísica de Derrida, cria uma nova possibilidade de compreensão do texto (EAGLETON, 2006, p. 198-199).

Inter-relações essas que Barthes utilizará enquanto ferramenta para formular os estudos acerca da linguagem, signo e cotidiano, questionando a manutenção do tido enquanto tradicional dentro das pesquisas, principalmente francesas, do período. A noção proposta por Barthes seria então de compreender o texto a partir do seu significado maior, não enquanto uma estrutura



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

somente, mas como uma ferramenta social de manipulação e controle histórico, um traço adotado das pesquisas de seu amigo pessoal Foucault, com a máxima dos signos enquanto estruturas mutáveis, assim como o período de compreensão deles.

Para o pesquisador, a crítica e sua relação com a obra não são simples, evidencia-se a necessidade de distinção da duplicação dos sentidos de linguagens do texto e a da interpretação advinda da crítica. A anamorfose que Barthes classifica enquanto uma responsabilidade de interpretação que não se agarra a obra e sim ao que o crítico diz dela, dita que a obra em si não tem a obrigação de se fazer clara sob algum aspecto, é somente clara enquanto objeto do que é, tendo um valor dissociável quando posto em análise algum *corpus* que o crítico postula.

Sobre essa interpretação recaem três constrangimentos, o do “considerar tudo enquanto significante”, regras gramaticais que precisam significar sempre, levando à exaustão crítica que deve procurar padrões de transformações e a partir de um número não específico e contraditório elencando a proeminência do autor. Constrangimentos de lógica simbólica, compreensão de símbolos em determinada obra e a atribuição de um significado maior ao autor, transpassando o sentido do próprio símbolo e às vezes dando uma importância indevida a algo formulado pela subjetividade do crítico, tão questionada pela vanguarda crítica, seria vista então enquanto a compreensão do que o crítico pode vir a ter com a linguagem, não uma oposição ao sujeito, e sim ser seu predicado. E o terceiro, constituído enquanto uma busca de sentido ao trabalho do crítico que procura em vieses específicos, tão voláteis quanto a noção de leitura de visão de mundo do escritor da obra a ser analisada, prestígio de pontos específicos de apreciação individual de dados históricos.

Para Barthes, o crítico está para a crítica como o escritor está para o mundo, não parece logicamente necessário que se tenha uma linha a qual todos os críticos devam seguir, a manutenção do pensamento só retoma noções de soberania do juiz que constitui as noções de valores da velha crítica, mas deixar a impressão às custas de uma subjetividade individual de um sujeito indeterminado deixando de lado toda uma sistematização dessa subjetividade (BARTHES, 2007, p. 224). O horizonte sensível do leitor crítico entraria em jogo, assim como outras questões que de certa forma, não são abordadas pelo estruturalismo, propositalmente, já que a procura de uma resposta poderia indicar que a estrutura básica comum não é o suficiente para uma avaliação literária bem elaborada.

Na mesma medida em que se obtinham respostas, ficavam evidentes vulnerabilidades do estruturalismo moderno que assim como a fenomenologia, por mais diferentes que pudessem ser em seus aspectos centrais, pretendiam afastar-se do mundo para explicá-lo de uma melhor forma. A linguística estrutural, principalmente pautada no sistema de signo/significado e significante de Saussure, era responsável pelo estudo da semiologia focada em disciplina e distanciamento impressionista, além de uma tentativa de romper com a “crise das ciências humanas”, estavam em busca de uma possibilidade de conteúdo correlacional que não anulasse as forças predominantes entre o estudo científico - estudo empírico, mas pareciam ficarem tantas questões em aberto que a teoria se autofragilizava, a dificuldade do estruturalismo moderno pautava-se então em: terminada a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

sua análise, que disseca e retira qualquer possibilidade de interpretação de um texto, então “faça alguma outra coisa.” (EAGLETON, 2006, p.189).

Em meio ao período descrito, a narratologia torna-se instrumento de Genette e Barthes, para a argumentação da necessidade de uma reformulação no que se refere a posição da elite científica estruturalista, que liquidava o sujeito e que não relacionava interpretação e significação psicanalítica ao que estava escrito nas obras. Suas pesquisas então foram desenvolvidas partindo do pressuposto fenomenológico do texto, elaborando uma nova proposta que atendesse aos estudos de uma construção estrutural, como também de noções de significação/intenção do texto literário.

A crítica nacional francesa propôs-se ao que, segundo Barthes postula, com pouca ou nenhuma influência advinda das noções anglo-saxônicas, *spitzerismo* ou cronismo, relacionar a composição da literatura enquanto atual e volátil, o que poderia ser visto como uma atitude “infiel” numa alusão ao fato da crítica francesa não ser mantida enquanto Lanson a objetificava: um processo estático que procura um objetivo e verdade absolutos (LANSON *apud* BARTHES, 2007, p. 160), determinismo analógico que funciona para noções lansonianas, mas que para Barthes faz com que a ideologia dominante fique encoberta, o que significa que há um jogo de “boas intenções ou má fé” que dita qual o significado será elevado em detrimento de outros.

Ainda que toda a crítica faça parte de um jogo de valores, não há como fazer crítica sem que se tenha a escolha ideológica, mesmo ela não determinando o ser da crítica, entretanto, há de se ater ao fato de que críticas como a Lansoniana, que engessa os moldes da crítica positivista (universitária), prezam pela objetividade no estabelecimento de fatos, exigindo aplicação das regras objetivas e implica em convicções gerais da história, literatura, psicanálise com perfeitas datações, criando a ilusão de um sistema ideal no qual a literatura é reflexo da vida do autor, das ideologias que segue e da verdade. É a partir do questionamento às aplicações lansonianas, que a psicanálise repensa o processo de forma contrária, priorizando o sentido da obra (BARTHES, 2007, p. 162-164).

Representando uma “quebra” do pensamento linear defendido pelos iluministas, enquanto um meio de consolidação da alma humana, através da representação artística, a Segunda Grande Guerra instaura a partir do final do século XX, a *Pós-Modernidade* que parte então em defesa da razão e ciência como parte de um plano em prol do desenvolvimento da humanidade. De acordo com Habermas (*apud* MOISÉS, 1988. p. 182), esta pode ser claramente exemplificada como a total falência das ideias tidas como certas e verdadeiras, em outrora pelos pensadores modernos.

Corroborando com Octávio Paz, Moisés postula que o início do declínio da modernidade se dá quando essa passa a ser uma convenção codificada e perde seu caráter crítico. A assimilação do conceito pela arte tem um papel decisivo nesse cenário, quando ela se torna o objeto de desejo capitalista, e a procura e necessidade de consumo fazem com que haja a banalização da mensagem em si. Portanto, segundo Moisés, não há uma politização da arte nem uma estetização política, o que enfraquece a mensagem modernista e a torna invisível (MOISÉS, 1998; p. 177). A pós-modernidade a questiona como também suas ideias precursoras, grandes e antigas certezas que antes eram defendidas pelos iluministas. Desta forma, passa a considerar tudo como um conjunto de meras



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

hipóteses ou especulações. Com o fim da bipolaridade imposta pela Guerra Fria, o mundo passa a viver sob uma Nova Ordem, baseada na ideia de pluralidade e globalização entre quase todas as nações. Os avanços tecnológicos, meios de comunicação, o *boom* da internet e o monopólio do sistema capitalista ajudam então a consolidação dos princípios que definem a sociedade pós-moderna.

O *Pós-Estruturalismo*, pontuando a noção do todo presente no texto, constrói então um conjunto de significações em sintonia com a compreensão e bagagem do leitor, moldando assim uma nova perspectiva dos estudos literários. Enquanto ao crítico, participante de uma criação da verdade, ser justo é o fator que em suma, precisaria constar em seu trabalho, a busca de um equilíbrio que não anulasse, mas que também não corroborasse com uma possibilidade em detrimento de todas outras, tanto na simbologia quanto no que diz respeito à constituição da palavra, passa a ser o horizonte a ser alcançado.

Não podendo ainda substituir o papel do leitor, o crítico sob a luz barthesiana, desejaria mais que o consumir a obra pura e simplesmente, materializaria a partir do seu desejo de consumo da linguagem da obra, o girar da palavra em torno do livro. Para Barthes e sua a necessidade de princípios críticos quando analisada uma obra é vital pesar o exercício da fundamentação ideológica ao período ao qual é produzida. Especialmente tratando da crítica francesa, o marxismo que, segundo o pesquisador, é “estéril em crítica”, posicionaria a ordem sequencial engessada de interpretação acima do valor estético das obras do período, o que não contribuiria de forma positiva para o momento da crítica, mas que faria com que se pensasse (mesmo que não sendo pelo núcleo ideológico), na mudança da abordagem da crítica do período, como faz L. Gondman quando analisa Racine, Pascal, o Novo Romance, o teatro de vanguarda, e Malraux à luz de Lukács. (BARTHES, 2007, p. 158).

Na psicanálise, a importância da psicanálise “marginal” de G. Bachelard para a crítica, que visava à análise da substância e não da obra seguindo deformações dinâmicas da imagem, o que ia ao oposto ao feito por C. Mauron com a crítica psicanalítica freudiana, cria a partir da análise de diversas obras uma verdadeira escola crítica. “A crítica francesa é atualmente, sob sua forma mais desabrochada, de inspiração bachelardiana” (POULET; STAROBINSKI; RICHARD *apud* BARTHES, 2007). Desde então, reforçando que clássicos como: Homero, Dante, Shakespeare e Cervantes ainda são conservados no cânone ocidental, Moisés afirma que pouca coisa parece ter mudado. O cânone mantém-se com alguns poucos acréscimos, como o caso de escritores como Mallarmé e Joyce, que segundo a pesquisadora, através de suas contribuições, parecem ter conquistado um lugar duradouro. Tal manutenção canônica parece ser resultado da influência direta dos escritores-críticos que mantiveram os títulos considerados *clássicos* presentes nos debates literários, Eliot é apontado como um dos autores que mais se beneficiou desse processo, em que sua escrita considerada conservadora, obteve prestígio através dos tidos apreciadores do “politicamente correto” (MOISÉS, 1998, p. 175).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

É a partir da negação da cultura europeia advinda desse núcleo seletivo, constituído a partir do século XX, que as bases do pós-modernismo ganharam uma estrutura crítica elaborada. A mudança tornou-se visível gradativamente, e está em construção até hoje. Porém, a crítica dela encontra barreiras de movimentações analíticas alarmantes. A problemática, considerada por Moisés, enquanto muito mais discutida no meio dos críticos acadêmicos do que por escritores ou leitores, mesmo que estes sejam impactados, ainda que em parte, pelas escolhas advindas dessas reflexões, não parece preocupar o leitor comum, restringindo-se a discussões acadêmicas. Os escritores, muito mais interessados na venda de seus livros não procuram atingir o cânone, ou construir uma “boa literatura”; as editoras por sua vez, não sobrevivem somente dos clássicos, há a necessidade de leituras em massa com conteúdo “acessível”, o que torna muitas vezes as construções como autobiografias e livros de autoajuda, vendidos muito além do que a própria obra escrita dos escritores utilizados como objeto de divulgação. Tal evolução não parece medir mais uma “boa escrita” ou uma “má escrita”, o exercício que parece haver é o de simples “escrita”. (MOISÉS, 1998, p. 176).

Por essa razão, a crítica é posta em análise: se movida por micro mudanças, qual seria a real necessidade de uma crítica literária atual? Moisés indica que o campo de pesquisa e desenvolvimento de uma nova crítica pode vir a caminhar para a quebra de vínculo com a tradição, o que tende a ressignificar o panorama de estudos literários, restando saber se a mudança será benéfica ou seu oposto: "Será que, ao efetuarmos a liquidação sumária da estética, do cânone e da crítica literária, não jogamos fora, com a água do banho, uma criança que se chamava literatura?" (MOISÉS, 1998, p. 214).

No Brasil, a pesquisadora postula acerca dos motivos pelos quais, no país, parece haver certo receio e fragilidade quando o assunto está em debate, as medidas de doutrinação político-ideológicas que são norteadoras dos estudos brasileiros, pautam-se nos modelos europeus, aos quais os estudantes brasileiros não estão sendo preparados para debates críticos, e sim, para a assimilação de conteúdo.

Nesse ponto, Moisés questiona a manutenção dos imortais, a relação da literatura com os processos globais de cultura (ou a falta dela), frisando a importância de uma revisão que pode ser entendida enquanto benéfica, se bem desenvolvida, de modo a evitar o que considera enquanto *moda mix* na cultura. O que se mostra real, segundo Júdice, é a ideia de não-dependência da literatura à uma sazonalidade específica, mas não se poder basear todo o estudo cultural de um local apenas com ferramentas produzidas por outra cultura. Pondo como exemplo as literaturas portuguesa e brasileira, Júdice relata que a diferença objetiva entre duas literaturas da mesma língua existe bastando pegar o período literário recente, a partir dos anos 1960, para ver uma divergência de caminho:

A partir do momento em que a realidade portuguesa se afastou, em direção à Europa, do mundo subdesenvolvido e rural que permitia que autores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, fossem familiares do leitor português, formado literariamente pela escola neorrealista, ao mesmo tempo que o Brasil se orientava no sentido de um capitalismo à medida



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

norte-americana, com os padrões da televisão e do cinema a imporem um outro tipo de arquétipos culturais, totalmente diversos dos que têm sido os nossos – fazendo com que tivesse havido o desenvolvimento de uma literatura de um tipo urbano e vanguardista que, em Portugal, nunca se conseguiu afirmar até à década de 1990 (JÚDICE, 2007, n. p.)

À luz de Barthes, Moisés elucida que questões acerca do temor ao desaparecimento da literatura são reais, reflexos da comercialização direta da arte, mas que não parece ter força para suprimir o que Barthes indica como o cerne da literatura, seu “caráter irreduzível” devendo-se “agir como se ela fosse incomparável e imortal” (BARTHES, 2007 *apud* MOISÉS, 1998, p. 209).

É para ele, injusto que se priorize algum processo ou resultado, já que a crítica segue um fluxo mutável, onde grandes obras não são dogmáticas. A crítica é o processo de avaliação da obra, mas também de si mesma, metalinguagem que cria lógica, certa organização existencial que molda o crítico, que por sua vez, julga a constituição de determinada obra de acordo com seu amadurecimento e paixões intelectuais, e a partir disso é notada certa profundidade, resultado do que ele relaciona enquanto processo de “construção de inteligência do nosso tempo”. Otávio Paz, a esse respeito, segundo Moisés, indica uma possibilidade: a retomada da tradição do século XX, não para prosseguir-la, mas para modificá-la, colher seus frutos, críticos, ácidos, irreverentes e difíceis. (PAZ *apud* MOISÉS, 1998, p. 213).

Focando em um projeto literário a partir do que pressupunham os escritores-críticos modernos, Moisés opina a necessidade de que o homem não avance às cegas, unindo tradição viva e futuro:

Eles acreditavam em coisas que a grande literatura pode nos dar: ampliação do imaginário, encontro com o outro e autoconhecimento, capacidade de impressão e de expressão, visão crítica do real, emoção estética, felicidade da palavra que nos faltava e nos é dada. As formas que eles utilizaram em suas obras de criação, e valorizaram em suas obras críticas, talvez tenham chegado à exaustão, mas não o seu projeto. Os novos meios disponíveis obrigam o livro a reformular-se, a encontrar seu lugar entre eles. Mas, de modo algum, o condenam ao desaparecimento. A literatura ainda tem futuro, a Biblioteca ainda não foi destruída. E nós, leitores e escritores, aqui estamos para ler, eleger e prosseguir (MOISÉS, p. 214-215).

Moisés ainda relaciona a complexidade dos estudos humanos pautados através da junção entre das ciências humanas e ciências sociais, compreendendo a literatura como algo multidisciplinar, pertencente ao cânone literário, mas também ligada a experiência comum à configuração expressiva das suas dimensões estéticas. O necessário dentro do cenário, segundo a pesquisadora, é uma relação intrínseca entre a prática criativa, a imaginação emocional, e o cotidiano, num processo de reconstrução e de articulação do poder cultural. Quando há a configuração dos textos literários num posicionamento estético, e concomitantemente político ao qual se está inserido, coloca-se em perspectiva as duas antinomias: a alta cultura e a cultura comum, num processo inclusivo de ideias, atitudes, instituições, estruturas de poder e as práticas culturais que as mantém nessa posição, e esse exercício pode ser realizado através do discurso literário (MOISÉS, 1998, p. 207-208).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ABORDAGENS TEÓRICAS AO ESTUDO DA CRÍTICA LITERÁRIA: UMA RESENHA CRÍTICA
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira, Clarice Zamonaro Cortez

Se o discurso crítico pode ser estabelecido enquanto crítica da crítica (discurso literário), relacionar a realidade e a moldar, então deve ser estudado. Mas de onde essa preocupação deveria vir? A disposição de trazer a literatura para o centro, reinventando-a em uma estrutura cultural, educacional política, determinando os modos como pode ser compreendida, para Moisés, é um trabalho conjunto. Os campos epistemológicos das ciências humanas e das ciências sociais não poderiam então surgir como esferas separadas em termos institucionais.

O papel do crítico em desenvolvimento hoje passa a ser significativo para a construção de uma literatura futura. Para Júdice (2012, n.p.), mesmo com a valorização da leitura das críticas anteriores ao período em construção, o que a crítica precisa para ser estabelecida enquanto viável é tempo. Tempo em um período de transições, principalmente focados no avanço tecnológico, afastam o exercício de leitura do cotidiano, ler exige calma, concentração, exigências que fazem do leitor uma incerteza.

Haverá literatura, seus críticos e leitores no futuro? Os futuros, literário e crítico responderão aos próximos avanços humanos? Havendo a possibilidade, segundo pontua Moisés, de observarmos que no panorama dessa evolução não haja circulação dos meios literários, morte já tão anunciada que não causa mais comoção, o que é possível ser feito?

Nos posicionando, quanto ao fazer/consumir literatura no ocidente, em frente a incertezas futuras, não é de todo impossível que a morte da literatura ajude o leão de Eagleton a acordar, o que resta é saber é: ao acordar, o que o leão fará?

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CALVET, Louis-Jean. **Roland Barthes (1915-1980)**. Paris: Flammarion, 1990.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, SP: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&, 2006.

JÚDICE, Nuno. **ABC da Crítica**. Alfragide: Dom Quixote, 2012.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MOISÉ, S.; PERRONE, Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.